

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELINHA
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo / Setor de Patrimônio Cultural
Rua Doutor Hermelindo, 382 – Centro – Capelinha/MG

PATRIMÔNIO IMATERIAL	COD.: BIM 01
1.Município: Capelinha	
2.Distrito / Povoado: Sede	
2.Designação: Festa do Divino	
3.Endereço: Igreja Matriz de Nossa Senhora da Graça	
4.Responsável: Paróquia de Nossa Senhora da Graça	
5.Localidades envolvidas: sede do município e comunidades rurais	
6.Caracterização: O que caracteriza o espírito festivo da Festa do Divino é a fartura. Sendo assim, cada elemento da comunidade dá um pouco de si em material, em trabalho e, sobretudo, em participação. A festa começa nove dias antes da data marcada para o cortejo, com alvorada festiva, decoração da cidade (com ajuda da prefeitura e moradores), muita comida, música, missa, procissões, mesa de leilões, queima de fogos, visitas domiciliares em toda a comunidade, com a bandeira do Divino, inclusive na zona rural, cavalgadas, barraquinhas e shows. As principais celebrações acontecem na casa do Mordomo, na Igreja Matriz, onde se localiza o mastro e nas ruas da cidade. O responsável pela preparação e realização da festa é o Imperador do Divino escolhido daquele ano, devendo ser, ao mesmo tempo, seu maior investidor e aquele através de quem a cidade presta maior homenagem ao Divino Espírito Santo. O padre também tem papel preponderante nos preparativos dos festejos.	
7.PROTEÇÃO LEGAL EXISTENTE: Nenhuma	

8. DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA:



Procissão na Festa do Divino
Acervo: Paróquia Nossa Senhora da Graça – Ano 2005

9. HISTÓRICO:

A Festa do Divino Espírito Santo é uma das festas mais recorrentes em todos os calendários turísticos e sobre festas que se pode encontrar. Sua realização, contudo, parece adquirir maior relevância em regiões de colonização mais recente, como é o caso do Centro-Oeste brasileiro, onde ela é a mais constante nos calendários das cidades.

A Festa do Divino é de origem alemã e foi introduzida no Brasil pelos portugueses, nos fins do século XVIII, no período colonial, quando era efusivamente comemorada.

Segundo vários autores, ela foi sofrendo transformações paulatinas, “decaindo” na preferência popular por alguns

anos, devido, talvez, ao empobrecimento das regiões onde se solidificaram como forma de culto ao Espírito Santo. No Brasil, diz-se ainda que a festa está intimamente ligada ao período da mineração de ouro e se conservou especialmente nas velhas cidades goianas e mineiras do século XVIII.

O Brasil era colônia no século XVIII, mas já existia um Império, o do Divino, erigido por ocasião das festas que lembram a descida do Espírito Santo Espírito Santo sobre os Apóstolos, realizada após a colheita, comemorando a fartura. É uma festa onde predomina a esperança e o agradecimento. É uma festa do povo, portanto mesclada de folclore, tendo como símbolo a bandeira vermelha e como imagem a alegria.

A crença no Espírito Santo é reconhecida como um dos principais focos das formas de religiosidade popular. As pessoas recorrem ao Divino em busca dos mesmos milagres esperados dos santos da igreja católica, fazendo, inclusive, promessas. Ele não tem atributos específicos, ou seja, não tem um dom específico de cura ou proteção, como é o caso de São Brás, que protege a garganta, ou Santo Antônio, que protege os namorados. Por esta razão, ao Divino tudo se pede, embora ele perca em quantidade de promessas e votos para São Benedito. Finalmente, o Divino Espírito Santo não tem culto institucionalizado por parte de algum segmento social, seja classe, profissão ou etnia.

Em Capelinha, a festa acontecia normalmente como em toda parte do Brasil, mas em 1961, houve um contratempo. Os encargos da festa foram sorteados entre todos os que se apresentaram como candidatos e, como de costume, com a ciência por parte de quem se candidata dos custos que o encargo envolve. Muitas pessoas, sabendo disso, fizeram sua candidatura aos encargos e sacrifícios implícitos, com a promessa de pagarem com o trabalho e investimento material na realização da festa. Todavia, o festeiro escolhido se negou a organizá-la, não se sabe se foi por causa dos custos materiais ou se por outros motivos. E a realização dos festejos foi interrompida.

Em 1974, a Sra. Neide Antunes Coelho e seu esposo, Sr. Francisco Ferreira Coelho, fizeram uma promessa de reativarem A Festa do Divino, caso a sua filha Maria da Consolação fosse promovida em seu curso de Magistério, na cidade de Teófilo Otoni. Tendo efetivamente a moça obtido sucesso em seus estudos, no ano seguinte, 1975, a festa foi “desenterrada” pelo Sr. Francisco, não obstante sua candidatura ao encargo tenha se tornado um grande e implícito sacrifício, face às suas parcas condições financeiras na época para cumprir a promessa de pagar a festa com o trabalho e investimento material.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELINHA
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo / Setor de Patrimônio Cultural
Rua Doutor Hermelindo, 382 – Centro – Capelinha/MG

Como havia 14 anos que não se realizava, foi necessário muito empenho e participação de toda a comunidade na nova montagem. E a partir daí, a Festa não mais parou e, a cada ano, se renovam o entusiasmo e a alegria numa festa que é totalmente do Povo, realizada no mês de maio ou junho. Desde que foi “desenterrada”, a festa vem acontecendo com muito espírito de colaboração das famílias residentes em Capelinha. A partir de 1976, foram festeiras varias famílias, juntamente com a do Sr. João Alves Soier e outras como Pedro Pires, Manoel Sampaio, Francisco Fernandes, Zezito Soier, Edson Martins, Raimundo Soier, José Soier, José Neves, Luiz Pinheiro, Antônio Neves, Dimas Viana, Geraldo Evangelista, Domingos Pimenta, Vilmar Guedes, Itamar Miranda, Edneusa Araújo, Nem Neves, Elenice Barbosa, Valdemar Ferreira, Neide Monteiro, Edilamar Cordeiro, Arlindo de César, Francisco Gomes, Gentil Pimenta, Sebastião Xavier Sena, dentre outras. No presente ano de 2006, a família escolhidas deste foi a de Ana Giovanini e Haroldo Giovanini.

O que caracteriza o espírito festivo da Festa do Divino, além da fé, é a fartura. Em conformidade com a tradição, a comunidade dá um pouco de si em material, em trabalho e, sobretudo, em participação geral. A festa do Divino Espírito Santo realiza-se no Domingo de Pentecostes, festa móvel católica que acontece sempre cinquenta dias depois da Páscoa, em comemoração à vinda do Espírito Santo sobre os apóstolos de Jesus Cristo.

A festa começa nove dias antes da data marcada para o cortejo, com a animação e atividades aqui já descritas. Uma forma usada para angariar fundos destinados às principais cerimônias é a realização de mesas de leilões, durante a novena. O material que vai ser levado a leilão é doado pela comunidade, incluindo as famílias do meio rural, onde se realizam visitas e pousos da bandeira.

Atualmente a festa do Divino sofreu algumas adaptações, realizadas pelo vigário Cônego Ricardo Luiz dos Santos tendo no Governo Episcopal da Arquidiocese de Diamantina de D. João Oliver de Faria, dentre as mudanças, o bem em questão não possui mais festeiros, e sim uma equipe de festa. Sofreu transformações nos cortejos, no mastro e procissão.

10. DESCRIÇÃO:

A Festa do Divino é uma festa católica móvel que percorre parte das ruas da cidade, em comemoração à vinda do Espírito Santo sobre os apóstolos de Jesus Cristo. Um ano antes da realização da Festa do Divino, são distribuídos os chamados “encargos” da festa, ou seja, os papéis ou funções que cada um deverá exercer na Festa-representação. Esses encargos são sorteados entre todos os que se apresentam como candidatos. Quem se candidata deve estar ciente dos custos que o encargo envolve. Os principais encargos da Festa do Divino são:

Mordomo da novena:

Um mordomo para cada noite da novena é sorteado, contando-se, portanto, com nove mordomos de novenas. Eles são responsáveis pela organização e parte dos gastos com a “reza da novena” (velas e um eventual café com bolinhos oferecido aos que participam dela).

Folião da Cidade:

Responsável pela Folia do Espírito Santo, que percorre a cidade nos dias finais da Semana Santa e poucos dias antes da festa. Ele pode participar diretamente da folia ou pagar a algum folião para sair com a banda em seu lugar. Se ele próprio for o Folião, recebe as homenagens costumeiras de folia nas casas por onde passa. Se pagar pela Folia, recebe homenagens apenas dos foliões que são integrantes fixos.

Mordomo das Velas:

Responsável pelos gastos com velas e também com energia elétrica, durante os domingos do período da festa.

Mordomo da Bandeira:

Responsável pela guarda e manutenção (incluindo reformas) da Bandeira do Divino. É quem conduz em procissão a Bandeira do Divino e a coloca no mastro para o hasteamento. De sua casa sai a Procissão da Bandeira, nos anos em que ela acontece. Houve alguns anos em que o Mordomo da Bandeira acompanha essa procissão, em lugar de destaque.

Mordomo do Mastro:

É encarregado de obter e preparar o mastro da “Bandeira do Divino”, providenciar seu levantamento e também a queima de fogos.

Mordomo da Fogueira:

Responsável pela construção da fogueira e sua queima, durante o levantamento do mastro e da bandeira, e ainda pela queima dos fogos.

Imperador do Divino:

É o responsável da coordenação da festa, juntamente com o padre da igreja local, alguns dos “mordomos”, e pela maior parte dos investimentos feitos. Organiza os eventos da festa, arcando com grande parte dos gastos. Paga parte dos fogos, pela decoração da cidade (ajudado pela prefeitura e moradores).

O Imperador recebe as pessoas participantes da festa e visitantes em sua casa, onde deve oferecer comida e bebida.

De sua casa saem: Alvorada do Sábado e do Domingo, Procissão da Coroa, Procissão do Espírito Santo e os Cavaleiros, inclusive nos ensaios, Procissão da Volta da Coroa, recepção da Bandeira e Cortejo, ao final da festa. O imperador do Divino tem lugar de honra nas missas (sentado num trono), nas procissões e nas Cavalhadas (palanque imperial). Ele é homenageado em diferentes situações pelos cavaleiros, pela banda de música e pelos foliões do Espírito Santo. Usa um dos principais símbolos da festa: a coroa do Divino.

Nos dois últimos dias da Semana Santa, o Folião da Cidade percorre as ruas e bairros com a primeira Folia do Divino. O pequeno cortejo de instrumentistas e cantores divide-se entre os bairros e vilas da cidade e seus integrantes procuram visitar o maior número possível de casas, em busca de donativos para a festa. A coroa do imperador é levada da casa deste pelos foliões, que percorrem com ela e a Bandeira os lugares de “peditório”. Essa atividade também é conhecida como “Bandeira do Divino” e pode sair novamente durante a semana da novena.

Como ninguém é tão pobre, que não tenha o que ofertar ao Divino, e nem tão rico que a ele não precise pedir nada, a “Bandeira” vai de porta em porta e, em cada uma delas, na cidade ou nas fazendas ao redor, cantando e recolhendo donativos. Desde um cafezinho, até as esmolas propriamente ditas, tudo se pede cantando e em nome do Divino Espírito Santo.

As cantigas são significativas e integrantes do universo simbólico da festa do Divino:

“A bandeira aqui chegou

Um favor quer merecer:

Uma xícara de café

Para os foliões beber”

E enquanto a dona da casa oferece o café, a “Bandeira”, com seus menestréis adornados de fitas e chefiados pelo “alferes da bandeira”, canta, por exemplo:

“O Divino entra contente

Nas casas mais pobrezinhas Toda esmola ele recebe

Frangos, perus e galinhas”

“O Divino é muito rico

Tem brasões e tem riqueza,

mas quer fazer sua festa

Com esmolas da pobreza”

Algumas vezes, contudo, vendo a pobreza dos devotos, nas casas por onde passa, a “Bandeira” deixa algo em vez de levar. No passado, e ainda hoje, mantém a mesma estrutura ritual para pedir ofertas ao Divino nas chácaras, sítios e fazendas da redondeza: deslocam-se, pedem esmola e agradecem, cerimônia que realizam levando uma das bandeiras do Divino. Os foliões da bandeira costumam pedir pousada nos lugares mais distantes, rezar terços e mesmo realizar bailes dominados por danças nos locais onde a folia pousa.

Por volta de quinze dias antes do Domingo de Pentecostes, e cerca de uma semana antes do início da semana da novena, a cidade já vive intensamente sua festa. Postes e árvores são pintados de vermelho e branco, as cores do Divino. Os cavaleiros (há tempos esquecidos) e pastorinhas fazem seus ensaios e, entre fogos, doces, bolos e salgados, café e bebida, o Imperador do Divino começa a fazer os seus maiores gastos da festa, a viver os momentos mais importantes de seu “ano imperial”

A Novena do Divino Espírito Santo

Oito dias antes do Sábado do Divino, começam as novenas conhecidas como Novenário do Espírito Santo. No primeiro dia da novena, a cidade é despertada com a banda de música, às cinco horas.

Ainda no primeiro dia, uma sexta-feira, e no último, um sábado, além das Alvoradas, há tocatas da banda de música ao meio-dia. O imperador queima fogos, pelo menos de madrugada, quando há Alvoradas, e depois de cada reza de novena, já à noite. As rezas de novena são solenes, acompanhadas de alguns músicos da banda. Foi adicionada ao ritual uma missa posterior à novena, que o padre oficia em algumas noites. Ao fim da reza da novena de cada noite, todos os presentes cantam o Hino do Divino. Para cada noite de novena há um mordomo, como já foi dito, sorteado junto com o Imperador e demais encargos da festa. Sua função é dirigir a reza no seu dia. Alguns deles recebem a Folia do Divino em sua casa e oferecem comida e bebida aos visitantes. É uma parte essencialmente religiosa da festa.

O Sábado do Divino

Às seis horas da tarde do último dia da novena, sai da casa do Mordomo da Bandeira, para a igreja matriz, a primeira grande procissão da festa: a Procissão da Bandeira. Ela é a única que não tem necessariamente como origem ou destino final a casa do Imperador do Divino.

O cortejo é acompanhado pela banda de música, que durante todo o trajeto executa um dobrado marcial. Moças vestidas de vermelho e branco conduzem a Bandeira do Divino, o objeto simbólico de maior importância na procissão.

A bandeira geralmente é feita pelo Mordomo da Bandeira ou, no caso de uma bandeira antiga, reformada sob sua supervisão. Ela permanece em sua casa até o sábado em que, abençoada pelo padre depois da missa do último dia de novena, é solenemente hasteada em seu mastro. Tal como a bandeira, o mastro é colorido de vermelho e branco, as cores do Espírito Santo. O mordomo do mastro, encarregado, por sorteio, de fazê-lo (o mastro deve ter em torno de 15 a 18 metros de altura), levanta-o, auxiliado pelos demais mordomos, logo depois da missa de sábado. Acende-se também a fogueira. Durante o hasteamento, os três mordomos (do mastro, da bandeira e da fogueira) organizam uma queima de fogos. É tradição que o Imperador “responda” com outra queima.

Logo no início em que a festa foi iniciada em Capelinha, o Sábado do Divino era marcado como início da parte profana da festa. Ao meio-dia, saíam às ruas bandos de Mascarados, a cavalo. Cobertos de máscaras de papelão ou papel machê colorido, a maioria com a forma de cabeças de bois com grandes chifres enfeitados com flores de papel, vestindo roupas coloridas e brilhantes ou fantasias que se referiam ao personagem da máscara, galopavam pelas ruas da cidade durante as tardes e as noites, desde o sábado até a terça-feira. Geralmente, eram jovens da cidade ou vindos de fazendas dos arredores. Atualmente isso não acontece mais. Eles não eram, contudo, grupos organizados para um determinado divertimento, mas simples grupos de galope, jovens que se divertiam pelas ruas em correrias e abordando moças, com flertes e galanteios, gracejando ou pedindo dinheiro para comprar bebidas. Era considerada obrigação de cada mascarado não se deixar identificar nem mesmo pelos seus parentes, durante os primeiros dias de saída. Durante as Cavalhadas de Mouros e Cristãos, eles se apresentavam nos intervalos das atuações. Na terça-feira, ao final dos festejos, saíam atrás da banda de música e iam com ela até a casa do Imperador para, juntamente com as muitas pessoas envolvidas no evento, “entregar a festa”. No Sábado do Divino, acontecem, portanto, os últimos festejos religiosos preparatórios do Domingo de Pentecostes e os primeiros da parte profana dos festejos do Divino, que incluem eventos extremamente apreciados pela população. As Cavalhadas estão entre os mais esperados e alegres da Festa do Divino. Mas há alguns anos não são realizadas em Capelinha.

Domingo do Divino

A Alvorada de Sábado é acompanhada pelas ruas da cidade por uma grande quantidade de pessoas. A de Domingo costuma ser acompanhada por muitas mais, quase todas da cidade e mais visitantes. Essa Alvorada não sai da igreja matriz, mas da casa do Imperador do Divino, às cinco horas da manhã, depois, que este oferece aos músicos da banda “café e quitandas”. De lá, ela parte em direção a diferentes ruas e lugares da cidade, em um percurso tradicional, mas que pode ser alterado conforme a necessidade ou vontade dos que o determinam. O percurso dessas procissões valoriza os espaços, pois sacraliza cada um deles, e os que vivem nesses espaços sacralizados sentem-se como se a presença do Espírito Santo se espalhasse pelo ar, sacralizando suas casas e suas vidas. O cortejo segue a banda, que divide o percurso em dois tipos de toques diferentes: durante o deslocamento de um ponto a outro, toca dobrados alegres, músicas populares atuais ou outras, regionais; durante as paradas, executa o hino do Divino, que parte do cortejo costuma cantar. Os principais pontos de parada são geralmente a Igreja Matriz (onde geralmente se encontra o mastro do Divino), as casas das pessoas com “encargos do Divino” e as casas de antigos moradores ligados à festa e que já não podem sair para acompanhar a Bandeira pela cidade, em procissão em direção a Escola Coronel Coelho onde a alvorada dá sequência aos festejos. Durante a Alvorada de Domingo, o hino do Divino é executado várias vezes. Quando o dia clareia completamente, a Alvorada se dissolve. Os eventos seguintes do domingo também saem da casa do imperador. O primeiro é a Procissão da Coroa. Nela, o imperador é levado em cortejo, dentro de seu “quadro”, formado por varas de cor vermelha e precedido de um grupo de moças, também vestidas de vermelho e branco, com bandeiras do Divino semelhantes à que se hasteou no mastro, na noite anterior. O andor do divino é carregado por quatro moças, com roupas iguais às das que carregam as bandeiras. Um grupo maior de meninas, com idade entre cinco e dez anos, totalmente vestidas de branco, levam bandeirinhas com a “pomba do Divino”.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELINHA
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo / Setor de Patrimônio Cultural
Rua Doutor Hermelindo, 382 – Centro – Capelinha/MG

O andor é cercado de flores e representa, como a figura da pomba, o Espírito Santo. No interior de seu “quadro”, o imperador, usando a coroa e com seu cetro de “prata” nas mãos, é acompanhado pela esposa ou parente que carrega a bandeja sobre a qual repousa a “Coroa do Divino”, quando não está em uso, na casa do imperador, durante o ano imperial. Atrás do “quadro” do imperador seguem os membros de irmandades e demais acompanhantes da procissão. Os quadros variam de ano para ano. Cada festeiro mostra sua idéia. Alguns quadros geralmente se repetem todos os anos como é o caso do quadro dos 07 dons, dos 12 frutos, dos anjos, dos apóstolos, das baianas, dos caboclinhos, tem um com o nome de Fé, Esperança e Caridade, as Escolas geralmente apresentam algum quadro onde seus alunos participam, outros alguns quadros representam a Terra, como no nosso caso a agricultura. A Procissão da Coroa aproxima-se da igreja matriz ao som dos sinos dobrando e do estrondo de vários fogos. O Imperador do Divino e seu cortejo entram pela porta principal e se colocam junto ao altar, de frente para o povo. A seu lado fica sua esposa e ao redor, ocupando toda área do altar, as moças, virgens e outros acompanhantes do cortejo. O padre reza a missa e nela as cantigas cantadas são as tradicionais da festa. Após esta missa, as pessoas da cidade que têm maior afinidade e interesse na festa (os que desejam pagar uma promessa, por exemplo) participam, na sacristia da igreja, do sorteio dos “encargos do Divino” para o ano seguinte. As pessoas que participam anualmente do sorteio chamam-se, entre si, de “irmãos de sorte” ou “irmãos do Divino”, embora em muitos lugares jamais tenha chegado a existir uma confraria do Espírito Santo, como existiram em outras cidades brasileiras. A escolha dos encargos do Divino obedece aos rituais de um sorteio solene. Em duas pequenas sacolas pretas de pano são colocados papéis enrolados. Uma delas contém os nomes dos candidatos e a outra a relação dos encargos. Um dos escrutinadores retira o nome de um candidato e outro, geralmente o próprio padre, retira o nome do encargo correspondente. Assim, qualquer candidato, de acordo com sua sorte, pode ser escolhido, pelo Divino, para qualquer dos encargos, inclusive o de imperador, que pode ser retirado em qualquer momento do sorteio, sob o olhar de uma assistência formada por todos os “irmãos na sorte”: parentes, amigos, pessoas comprometidas com a festa em anos anteriores, e os responsáveis pela apuração. Toda a expectativa é pelo sorteio do nome do imperador e, geralmente, quando a notícia chega à sua casa, ouvem-se fogos estourando. A princípio, qualquer pessoa nascida na cidade, mesmo as que residem fora dela, podem propor seu nome como candidato aos encargos da festa, desde que preencham a condição de não estar sendo o imperador atual e ser católico “de vida exemplar”. E há ainda a crença de que o lado para onde a bandeira aponta, movida pelo vento, quando o mastro acaba de ser erguido, é aquele onde o futuro imperador provavelmente reside.

Findo o sorteio, tem lugar a Procissão da Volta da Coroa, bem reduzida, que à do imperador, tendo deixado na igreja o andor do Espírito Santo.

Ao chegar à casa do imperador, este deposita no altar seus objetos simbólicos (coroa, cetro, bandeiras e bandeja) e oferece aos presentes doces, salgados e bebidas.

Dentre esses alimentos, alguns são considerados indispensáveis e devem estar presentes, por seu caráter marcadamente simbólico, como é o caso das “verônicas”.(feitas de açúcar e limão e gravadas com os símbolos da festa, como a pomba, Nossa Senhora, a coroa), e ainda os “pãezinhos do Espírito Santo”. Em algumas festas do Divino, é costume também serem distribuídas verônicas e pãezinhos do Espírito Santo, de casa em casa, e cada casa deve receber ao menos um desses alimentos, apesar de que nem todas as casas da cidade são visitadas. .

Nesse mesmo dia, ainda acontecem os rituais da Procissão do Espírito Santo, a Missa Vespertina e a Coroação do Novo Imperador. Na Procissão do Espírito Santo, reúnem-se o imperador atual e o “novo”. Este vai à casa do imperador e os dois juntos saem em procissão, seguindo o mesmo itinerário da Procissão da Coroa. Nesse momento, ainda é o imperador atual que usa os símbolos de realeza. Seguem, então, o atual imperador, sua esposa e um auxiliar e, atrás destes, o novo imperador e um parente. Durante a missa vespertina, o imperador atual fica em seu trono com o séqüito à sua volta. Depois dessa missa, o padre da cidade realiza a Coroação do Imperador, considerada por muitos um momento fundamental na festa.

É interessante notar que a partir dessa coroação, tem-se a presença de dois imperadores, um efetivo, coroado no ano anterior, cujo “mandato” está se extinguindo e outro, também efetivo, porque coroado, cujo mandato ainda não começou e só começará no ano seguinte. Os dois imperadores aproximam-se de um pequeno genuflexório colocado diante do altar e coberto de pano branco.

Colocam-se de joelhos diante do padre. Este retira a coroa do imperador atual e a oferece aos dois, para que a beijem. Neste momento, canta-se o Hino do Espírito Santo, após o que a coroa é solenemente colocada na cabeça do novo imperador. O mesmo procedimento é feito com o cetro, sem que se entoe outra vez o hino. Com um pequeno ramo de folhas verdes, o padre esparge água benta sobre os dois imperadores. Esta cerimônia de coroação marca o final dos festejos religiosos. O novo imperador retorna à sua casa em pequena procissão, agora com o cetro e a coroa. Essa procissão não se inclui no “Programa da Festa” e, embora seja uma tradição dos festejos do Espírito Santo, não se considera que faça parte oficial dela”.A festa do Divino Espírito Santo é terminada com maravilhosos fogos de artifício.

A Festa “Profana”

A festa é vista como tendo uma parte religiosa e uma parte profana. Os eventos da parte considerada profana começam, geralmente, com a saída dos mascarados, a cavalo, e terminam com o cortejo final de “entrega da Festa”, na casa do Imperador, mas em Capelinha as Cavalhadas são apenas um evento a mais na série de eventos da festa. Tanto é assim, que esta é uma etapa da festa que desapareceu há muito e apenas eventualmente acontece.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELINHA
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo / Setor de Patrimônio Cultural
Rua Doutor Hermelindo, 382 – Centro – Capelinha/MG

Muitas pessoas vão para a Praça central de Capelinha para se divertirem com varias brincadeiras como pau de sebo, guerra da corda, soltura um porco sujo de sebo para ver quem pega, e muitas outras brincadeira com as quais os presentes se divertem. Os festejos profanos só terminam, no final do dia.

11.BENS RELACIONADOS:	BENS CULTURAIS DE NATUREZA MATERIAL ASSOCIADOS: As comidas típicas como “cartuchos” de doce, as “quitandas”, como são chamados os pães, roscas, biscoitos, “brevidades” e outras. O dinheiro que é amealhado pelo “sortudo” que consegue atingi-lo, os instrumentos musicais utilizados nos rituais e folguedos, etc.
	BENS CULTURAIS DE NATUREZA IMATERIAL ASSOCIADOS: A fé do povo, suas promessas, as cantorias, as letras dessas cantorias, a beleza da indumentária dos participantes do cortejo, a presença do bumba-meu-boi no cortejo, etc. A propósito, em Capelinha o que mais evoca a Festa do Divino Espírito Santo é exatamente o Cortejo do Imperador.

12. INTERVENÇÕES:

A Festa do Divino sofreu muitas mudanças, ao longo dos tempos. No inicio, as pessoas tinham mais fé, sentiam prazer em cantar e participar. Hoje, os alegres cânticos de outrora foram substituídos pelos incríveis foguetes. Note-se que as modernas festas do Divino Espírito Santo pouco têm das que se celebravam nos séculos XVI a XVIII, e muito menos daquelas do século XIX. A festa tão somente religiosa (coleta, missa, Procissão), passou a ter partes profanas: bailes públicos, no adro da igreja ou na rua, dentre outras atividades. Mesmo a presença de grupos folclóricos é marcada pela utilização de caixas e pandeiros industriais, roupas, adereços e calçados próprios do consumo em massa, dentre outras descaracterizações

13-Referências documentais / bibliográficas / entrevistas:

Ultimamente, os festeiros e a comissão organizadora da Festa do Divino cuidam geralmente da elaboração de um folder que contém todo um histórico dessa festa católica em Capelinha.

14-Informações Complementares:

A Festa do Divino Espírito Santo, em Capelinha e em Minas Gerais, é marcada pela incorporação, além do bumba-meu-boi, de elementos tipicamente folclóricos como os “caboclinhos” (jovens e adultos vestidos de índios) e “marujadas” ou “Mangangás” que são bandas formadas por pessoas do meio rural, com vestes e instrumentos musicais típicos.

15-Ficha Técnica:

Levantamento: Dante Geraldo Guedes de Carvalho

Data: 26/05/2005

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELINHA
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo / Setor de Patrimônio Cultural
Rua Doutor Hermelindo, 382 – Centro – Capelinha/MG

Elaboração: Elizângela Gomes Alcântara	Data: 08/06/2005
Revisão: José Carlos Machado	Data: 06 / 04 / 2006
Atualização: Edson Ramos Rodrigues	Data: Julho/2010
Arquivamento	Data: Dezembro/2010